

1737

INDUSTRIAIS

20/3/53

RUBEM BRAGA

Não sei o que há dentro ou atrás dessa viagem do sr. Euvaldo Lodi aos Estados Unidos. Conheço, entretanto, suas idéias sobre as relações entre os Estados Unidos e o Brasil, e acho extremamente útil que ele as diga com toda clareza aos nossos amigos americanos. Dirá, certamente, algumas coisas que eles não estão acostumados a ouvir de nossos homens de negócios e de nossos políticos, e que por isso acharão desagradáveis. Acho isso muito sadio, principalmente por se tratar do presidente da Confederação Nacional da Indústria.

São, os comunistas, culpados de uma série de confusões nesse terreno. Atacando sistematicamente tudo que é americano, vendo em cada norte-americano que chega ao Brasil um espião terrível ou um bandido imperialista, eles levam muita gente a adotar uma atitude igual e contrária. Tudo o que é americano é ótimo; e mesmo quando não presta, é bom, porque de qualquer jeito é contra a Rússia. Temos visto assim, na hora de se discutir questões delicadas e complexas de nossas relações com os Estados

Unidos, a manifestação desse estado de espírito primário, cego. Uma proposta americana é uma coisa sagrada que não se pode estudar, nem criticar, nem discutir. Se os americanos propõem um tal acordo é porque isso é para o bem deles, logo, é para o mal da Rússia, logo, é para o bem supremo do Brasil. Quantas vezes não sentimos esse sistema de raciocinar nos recentes debates sobre o acordo militar? Os senhores dessa mentalidade só têm capacidade de discutir uma coisa com os americanos: dinheiro. Que eles soltem mais dolares, e tudo está azul.

Homem da indústria, lidando a todo instante com problemas objetivos, o sr. Lodi tem uma visão mais clara do que está certo e do que não está certo em nossas relações com os Estados Unidos. Os grandes advogados ou testas de ferro das organizações norte-americanas, muitos deles infiltrados neste como em anteriores governos, ainda com meios de influenciar a opinião pública, acabam acreditando, com facilidade, que quando defendem seus interesses pes-

soais estão defendendo os interesses nacionais. Ainda que o sr. Lodi tivesse a mesma feliz conformação mental, ele não poderia ter as mesmas idéias: seus interesses pessoais, e os da classe que representa, são contrários ao "entreguismo".

Um comerciante ou um financista sempre se pode acomodar bem a qualquer negócio com qualquer grupo imperialista, e só por patriotismo deixará de fazê-lo. Mas um industrial é obrigado a ser mais lucido e menos fácil. Ele entende porque o governo norte-americano (frequentemente ineapaz de fazer uma política nacional de proveito a mais longo prazo, frequentemente docil ao interesse imediato de algum truste poderoso) pode ser contrário ao estabelecimento de certas indústrias no Brasil, e levar o Banco Internacional, como vimos recentemente, a vetar o financiamento de uma indústria básica, deixando de lado um plano recomendado pelos próprios técnicos norte-americanos da Comissão Mista; ele sabe também que em cada caso concreto é possível discutir com o americano,

buscar uma linha de interesse mútuo, recorrer a outras fontes de capital e de técnica — pensar, medir, negociar. O sr. Ermirio de Moraes não espera nem técnicos nem capitais americanos para fundar uma fábrica de alumínio. O sr. Paulo Sampaio sabe que além dos "Super Constellation" existe o "Cometa" inglês. Homens assim, e um sr. Lodi é o representante deles, podem discutir com os norte-americanos e discutir com proveito. E podem, inclusive, firmar acordos que são verdadeiros acordos e não ordens aceitas na base de comissões polpudas — ou da simples tolice.

A indústria no Brasil tem muitos pecados e não creio que o Estado deva se deixar dominar pelos seus interesses — como, inevitavelmente, ela tende a achar justo. O Estado pode e deve ser mais forte do que qualquer grupo social. Mas na hora de discutir com a mais forte potência industrial penso que o industrial é o homem mais indicado, e o mais seguro.

Tudo isso que escrevo é, confesso, um pouco no ar. Porque Estado pressupõe, na prática, um governo. O que, por acaso, não temos...